

**O PODER MÁGICO DAS PALAVRAS: UMA ABORDAGEM
LINGÜÍSTICA DA HIPNOSE¹**

Gilberto Machel Veiga D'ANGELIS

(Orientadora): Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite

RESUMO: No presente trabalho, ainda em andamento, e como pesquisa fundamentalmente teórica, pretende-se abordar o fenômeno da hipnose em seus mecanismos, princípios e natureza, por uma perspectiva advinda dos conhecimentos desenvolvidos no campo dos estudos da linguagem. Nesse sentido, a partir de uma definição do que seja hipnose – **um estado alterado de consciência no qual a mente interpreta a imaginação como realidade** – que revela nossa concepção sobre esta, propomos uma hipótese que tem por objetivo trazer a dimensão fundamental da significação simbólica para os estudos da hipnologia, na medida que acreditamos ser, a hipnose, um estado psíquico, possível apenas e irremediavelmente se mediado e imerso em processos simbólicos e significantes, em outras palavras, enquanto uma prática de linguagem.

Introdução

A Hipnose é basicamente um processo e um procedimento de intervenção psíquica no organismo humano, que visa normalmente à saúde, ou seja, ao equilíbrio das funções psíquicas e orgânicas do ser humano. Este processo, hoje assim conhecido, é um produto histórico de uma longa e complexa série de acontecimentos e desenvolvimentos dos conhecimentos humanos sobre o próprio homem. Utilizado e manipulado por inúmeras civilizações há milhares de anos, este conhecimento já foi, ao longo do tempo, considerado de origem mística, divina ou demoníaca; mágico, charlatanesco, ocultismo, e, em tempos modernos, científico.

A veracidade de seu “poder” ou de suas funções foi por muitos questionada e as teorias e explicações por parte de quem já o defendeu foram inúmeras e

¹ Esta pesquisa de Iniciação Científica é fruto do desenvolvimento de meu trabalho de pesquisa para conclusão de curso, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Nina Virgínia de Araújo Leite. Neste momento, ambas as pesquisas estão em andamento e continuarão a ser desenvolvidas até o final do presente ano letivo. Futuramente, pretende-se dar continuidade a tais investigações em pesquisas de âmbito experimental.

muito distintas. Ainda hoje, há quem não acredite na verdade deste conhecimento, assim como há quem creia cegamente, de forma um tanto quanto mística ainda; e há muitos que simplesmente o ignoram por completo, pois por muitas razões históricas, tal conhecimento permaneceu extremamente restrito às “mãos” de uns poucos curiosos e outros estudiosos deste. Entretanto, na história das mais antigas civilizações de que temos registros, há inúmeros relatos e infundáveis casos descritos que demonstram, inequivocamente, os “poderes” efetivos desse saber. Mesmo os que, historicamente, se opuseram à crença neste domínio, jamais foram capazes de negar a existência e, menos ainda, de provar a inexistência dos **efeitos** de tais “poderes”.

Tem-se então, hoje em dia, muitas teorias e tentativas de definição do que seja a hipnose e de como funcionam os processos nela envolvidos, entretanto, nenhuma delas é absolutamente capaz de dar conta de todos os fenômenos da hipnose. Como diz Medeiros e Albuquerque (1919, p. 15-17) “Nas questões que vamos estudar nada existe de definitivo em teoria. Há meia dúzia de fatos universalmente aceitos, outros que estão começando a penetrar na ciência acadêmica, outros de que apenas raros pesquisadores se atrevem a confessar a existência”. E como confirmam as palavras de Meares (1961, p. 44) “A verdadeira natureza da hipnose é, no entanto, desconhecida”². Sendo assim, escolhemos uma dentre tantas definições que nos pareceu mais adequada para os nossos propósitos sem, contudo, filiarmo-nos a nenhuma teoria específica. Apesar disto, nossa concepção se aproximaria talvez mais daquela reputada à Escola de Nancy, com as idéias de **sugestão** definidas por Bernheim e Liebeault, embora apenas como princípio geral, tal qual o diz Meares (idem, p. 47): “Devemos a Liebeault o fato de ter sido o primeiro a afirmar inequivocamente que os fenômenos da hipnose têm como base um processo de sugestão”.

Porém, antes que possamos passar ao exame de nossa definição e ao seu desenvolvimento em direção à nossa hipótese, devemos ao menos mencionar uma relação fundamental para a compreensão do empreendimento proposto para, então, voltarmos à questão central.

² Tradução livre por mim realizada. Obs.: doravante, seguirei o mesmo princípio para toda e qualquer citação retirada de fonte de língua estrangeira.

I - Considerações a respeito das relações entre *psicanálise* e *hipnose*³

É preciso lembrar, antes de mais nada que, a despeito de todas as polêmicas que possam surgir em torno da questão das relações entre a hipnose e a psicanálise, o fato que historicamente ficou registrado é que a **psicanálise** de Freud se funda, entre outras coisas, no abandono do emprego da técnica hipnótica.

Há argumentos que sustentam a incompatibilidade teórica e prática entre o conhecimento psicanalítico e o uso da hipnose, seja como técnica, seja como processo. Por outro lado, há também muitos argumentos contrários a esta visão, que defendem a plena possibilidade de associação entre esses dois saberes, se bem compreendidos. Apesar do fato de Freud ter se negado a continuar o uso da hipnose ao “fundar” as bases epistemológicas do que chamou *psicanálise*; e de que, talvez, para ele haja mesmo uma impossibilidade de se praticar o que ele considerou **psicanálise** junto aos procedimentos hipnóticos, devemos lembrar que há uma vertente de analistas, que talvez se enquadrassem no que Freud disse “que seria melhor chamar de outro nome qualquer” que não psicanalistas (cf. “A história do movimento psicanalítico”) que defendem a plena possibilidade de cooperação entre essas práticas, o que se denominou **hipnoanálise**, quer dizer, o que seria a **psicanálise** praticada conjuntamente com a indução à **hipnose**.

Para não entrarmos no mérito dessa complicada questão exposta acima, vamos apenas tecer algumas considerações a respeito do tema, considerando aqui a psicanálise e a hipniatria como duas abordagens distintas.

Uma questão fundamental há de comum entre a **psicanálise** e a **hipniatria**⁴, a saber, a tentativa de “curar através das palavras” ou, como o denominou a famosa paciente de Breuer (Anna O.), de “cura pela fala”. Ambas utilizam-se basicamente deste “princípio último”, se assim podemos dizer. Tanto em um caso quanto em outro, é absolutamente intrigante o poder de influência das palavras e como estas **afetam** os sujeitos. Entretanto, há também algo de fundamentalmente distinto, entre estas duas formas de “cura através da palavra”. Na psicanálise, não há absolutamente nenhum procedimento específico e necessário de interferência no estado de consciência do sujeito, como pré-requisito para que o tratamento e a técnica psicanalítica possam ser

³ Para uma exposição mais detalhada dos argumentos sobre esta questão cf. “História da Hipnose – I” in Passos (1961, p. 16-19); e para uma discussão mais aprofundada do tema cf. Kline (1958).

⁴ Termo oficialmente reconhecido pelo Conselho Federal de Medicina, a partir de 20/08/1999, pela definição: “Procedimento ou ato médico que utiliza a hipnose como parte predominante do conjunto terapêutico”.

iniciados. A esse propósito, uma asserção de Lacan (1998, p. 248), evidencia bem a distinção do foco operado nesses dois processos: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie. Ora, toda fala pede uma resposta”. Por outro lado, na hipnose, qualquer que seja a técnica de **indução** que se utilize, é parte integrante e necessária do próprio processo que o sujeito, através de uma intervenção proposital em seu estado de consciência por parte do “hipnotizador”, seja colocado sob o chamado estado **hipnótico**. Independentemente da teoria utilizada para tentar explicar este processo, o fato é que o **transe** é um pressuposto em qualquer forma de **hipnose**. Ao passo que a fala do sujeito hipnotizado na maioria dos casos é apenas possível em estado profundo de hipnose, enquanto procedimentos terapêuticos são, sem dúvida, possíveis através desta em quaisquer estados menos profundos e independem desta condição (de fala do paciente).

Poderíamos tentar diferenciar aqui, embora isto custasse muito tempo e espaço, desnecessário neste momento, alguns estados “básicos” e fundamentais da **consciência**, a saber: o **sono**, a **vigília** e a **hipnose**. Mas, desde que aceitemos, como hoje é comum no meio científico, que a **hipnose** é um estado tal que não se confunde nem com o **sono** e nem com a **vigília**, e que a prática psicanalítica enquanto terapia ocorre, via de regra, em estado de **vigília**, isto é mais que suficiente para entendermos que há aqui (ao menos) essa diferença fundamental.

II - Da definição à hipótese

Partimos então da seguinte definição: **a hipnose é um estado alterado de consciência, no qual a mente interpreta a imaginação como realidade**⁵. Esta definição serve-nos como ponto de partida para a justificação de nossas hipótese e proposta iniciais (ver adiante), mas tem, ao mesmo tempo, base fundamentada em questões observáveis e verificáveis através das diversas teorias, que corroboram sua validação.

A questão fundamental que motiva nossa hipótese é a constatação de que não há, efetivamente, nenhum mecanismo extraordinário (*stricto sensu*) essencial ao processo de indução hipnótica. Basicamente, os únicos processos

⁵ Definição retirada de entrevista concedida ao “Jornal da Paulista” (ano 12 – nº 132 – jun./1999), pelo Dr. Osmar Ribeiro Colás, médico obstetra da UNIFESP – Escola Paulista de Medicina, que faz uso da hipnose em sua prática médica. Disponível em <http://www.unifesp.br/comunicacao/jpta/ed132/ensino1.htm> , acessado em março de 2007.

essenciais à indução e aos procedimentos de sugestão são de ordem lingüística e psíquica ordinários, ou seja, os mesmos meios de que dispomos em contextos cotidianos de relações entre sujeitos.

Entretanto, há também uma diferença fundamental entre o que ocorre na **hipnose** e em estado normal de **vigília**. Ainda que utilizemos das mesmas palavras nos dois contextos, e mesmo com iguais propósitos, os efeitos resultantes em cada caso são profundamente distintos. Isso porque, na hipnose, as **palavras** têm uma capacidade única de **causar modificações orgânicas no sujeito**, capacidade esta, que em nenhum outro caso se observa; ainda que reconheçamos que as **palavras** têm muitos “poderes” em qualquer situação, inclusive o de curar, o seu “poder” durante a hipnose é absolutamente incomparável a qualquer outro. Surge daí a questão: *se em ambos os casos o que está em jogo é basicamente o uso da palavra, o que faz com que esta produza efeitos tão distintos em um e outro caso?* Pois se a questão é de **palavras**, como lembra-nos bem Ogden (1972, p. 31) “As palavras, como todos sabemos agora, nada ‘significam’ por si mesmas (...)”.

É neste ponto que nossa definição se sobressai às demais, pois além de permitir uma explicação geral para todos os efeitos diretamente resultantes de sugestões em estado hipnótico, permite uma compreensão do processo hipnótico de forma quase auto-suficiente, a partir de uma concepção de linguagem como fundante das relações simbólicas e de uma boa teoria da significação, que explique seus distintos funcionamentos.

Nesse sentido, partindo efetivamente desta definição em que “a mente **interpreta** a imaginação como realidade” é inegável que o que está em jogo nesta concepção sobre a hipnose é um certo tipo de processo interpretativo, o que pressupõe, inescapavelmente, uma teoria dos processos simbólicos, da significação e da linguagem. Como afirma Ogden em sua obra “O Significado de Significado”, na qual os autores propõem uma tal teoria (idem, p. 30) “O Simbolismo é o estudo do papel desempenhado nas transações humanas pela linguagem e [pelos] os símbolos de todas as espécies, e em especial [é o estudo] da[s] sua[s] influência[s] no Pensamento”. Portanto, partindo de tais concepções chegamos à hipótese de que, o que determina distintas capacidades de intervenções orgânicas no sujeito através da **palavra**, é a *existência* nele *de dois distintos processos interpretativos e duas diferentes formas de significação do mundo, operantes em situações mutuamente exclusivas*.

Sobre a importância de uma profunda teoria da linguagem para o entendimento dos processos psíquicos, Lacan (1998, p. 247) diz: “Afirmamos, quanto a nós, que a técnica [psicanalítica] não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na

função da fala”. E é exatamente nesse sentido, analogamente, que acreditamos que se deva abordar os atuais conhecimentos em hipnose.

É desnecessário, portanto, dizer que o objetivo desta pesquisa é, não a construção de uma nova teoria (suposta e pretensamente melhor) para substituir as demais, mas uma abordagem teórica, conceitualmente distinta, de um mesmo “objeto” de estudo, a qual, acreditamos, poderá contribuir, construindo novos conhecimentos em uma interface entre a hipnologia e a lingüística que, até o presente, foram negligenciados tanto por aqueles que se dedicaram aos estudos sobre hipnose, quanto pelos que se dedicaram e se dedicam ao estudo dos processos de significação em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBUQUERQUE, Medeiros e. (1919). *O Hipnotismo – e suas aplicações*. Leite Ribeiro & Maurillo, RJ.
- FARIA, Osmard Andrade. (1986). *O que é Hipnotismo*. Coleção Primeiros Passos, n° 175, Brasiliense, SP.
- FREUD, Sigmund. (1997). *A História do Movimento Psicanalítico*. Trad. Themira de Oliveira Brito. Imago, RJ.
- KLINE, Milton V. (1958). *Freud and Hypnosis – The Interaction of Psychodynamics ad Hypnosis*. The Julian Press., NY.
- LACAN, Jacques. (1998). *Escritos*. Jorge Zahar Editores, RJ.
- MEARES, Ainslie. (1961). *Hipnosis Medica*. Editorial Interamericana, D. F. México.
- OGDEN, C. K. e RICHARDS, I. A.. (1972). *O Significado de Significado – Um Estudo da Influência da Linguagem sobre o Pensamento e sobre a Ciência do Simbolismo*. Jorge Zahar Editores, RJ.
- PASSOS, A. C. de M. (Org.). (1961). *Aspectos Atuais da HIPNOLOGIA*. Linográfica, SP.